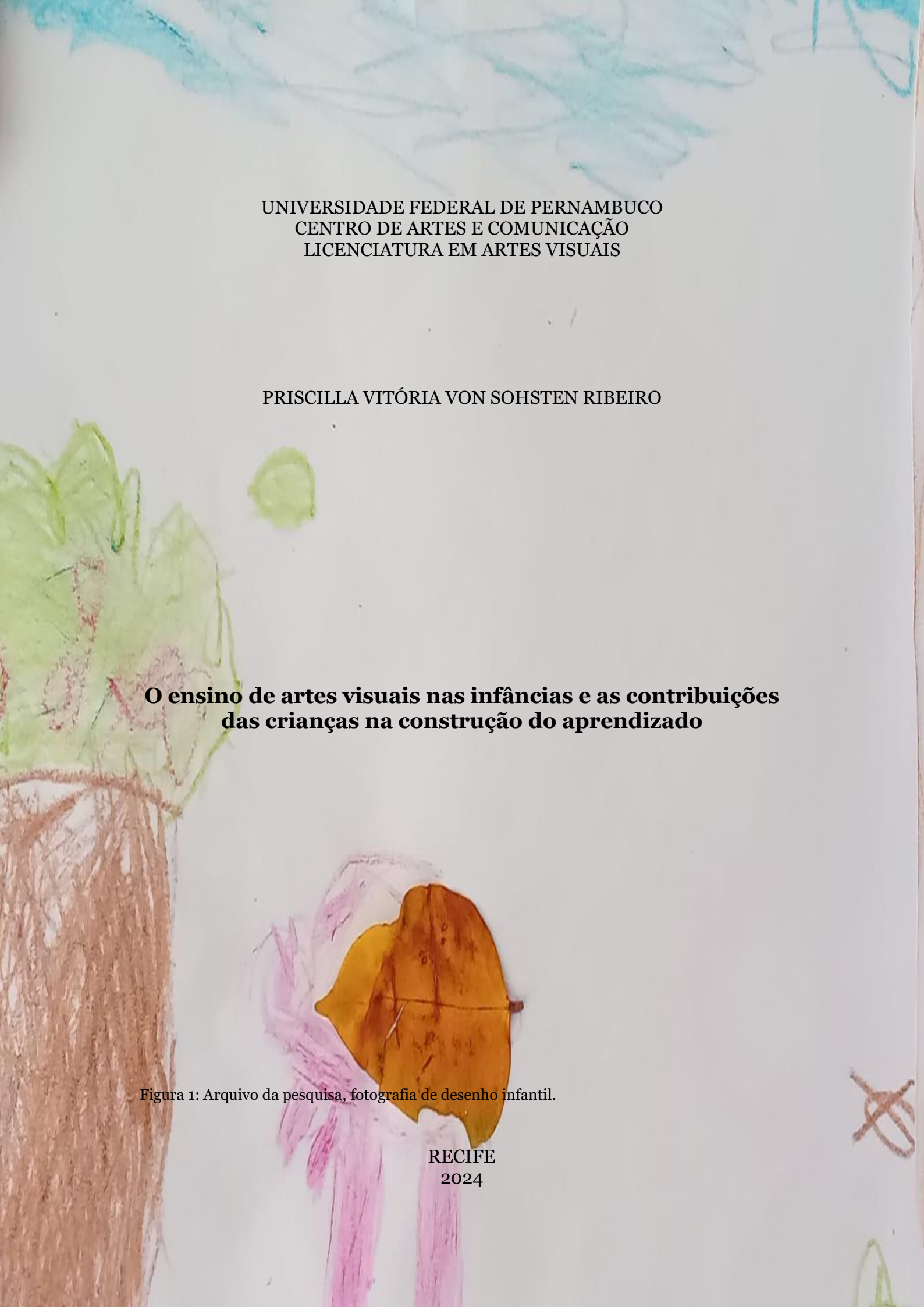




UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

PRISCILLA VITÓRIA VON SOHSTEN RIBEIRO

**O ensino de artes visuais nas infâncias e as contribuições
das crianças na construção do aprendizado**

Figura 1: Arquivo da pesquisa, fotografia de desenho infantil.

RECIFE
2024

PRISCILLA VITÓRIA VON SOHSTEN RIBEIRO

**O ensino de artes visuais nas infâncias e as contribuições das
crianças na construção do aprendizado**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Pernambuco como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Betânia e
Silva

RECIFE
2024

PRISCILLA VITÓRIA VON SOHSTEN RIBEIRO

**O ensino de artes visuais nas infâncias e as contribuições das
crianças na construção do aprendizado**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Pernambuco como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Betânia e
Silva

Aprovado em: 27/9/2024.

Banca Examinadora

Prof^a.Dr^a.Maria Betânia e Silva (Orientadora – UFPE)

Prof^a.Ms^a. Auvaneide Ferreira de Carvalho
(Examinadora Externa - Escolinha de Arte do Recife)

Prof^a.Dr^a. Luciana Borre Nunes (Examinadora Interna – UFPE)

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Ribeiro, Priscilla Vitória Von Sohsten.

O ensino de artes visuais nas infâncias e as contribuições das crianças na construção do aprendizado / Priscilla Vitória Von Sohsten Ribeiro. - Recife, 2024.
35 p. : il.

Orientador(a): Maria Betânia e Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2024.
Inclui referências, anexos.

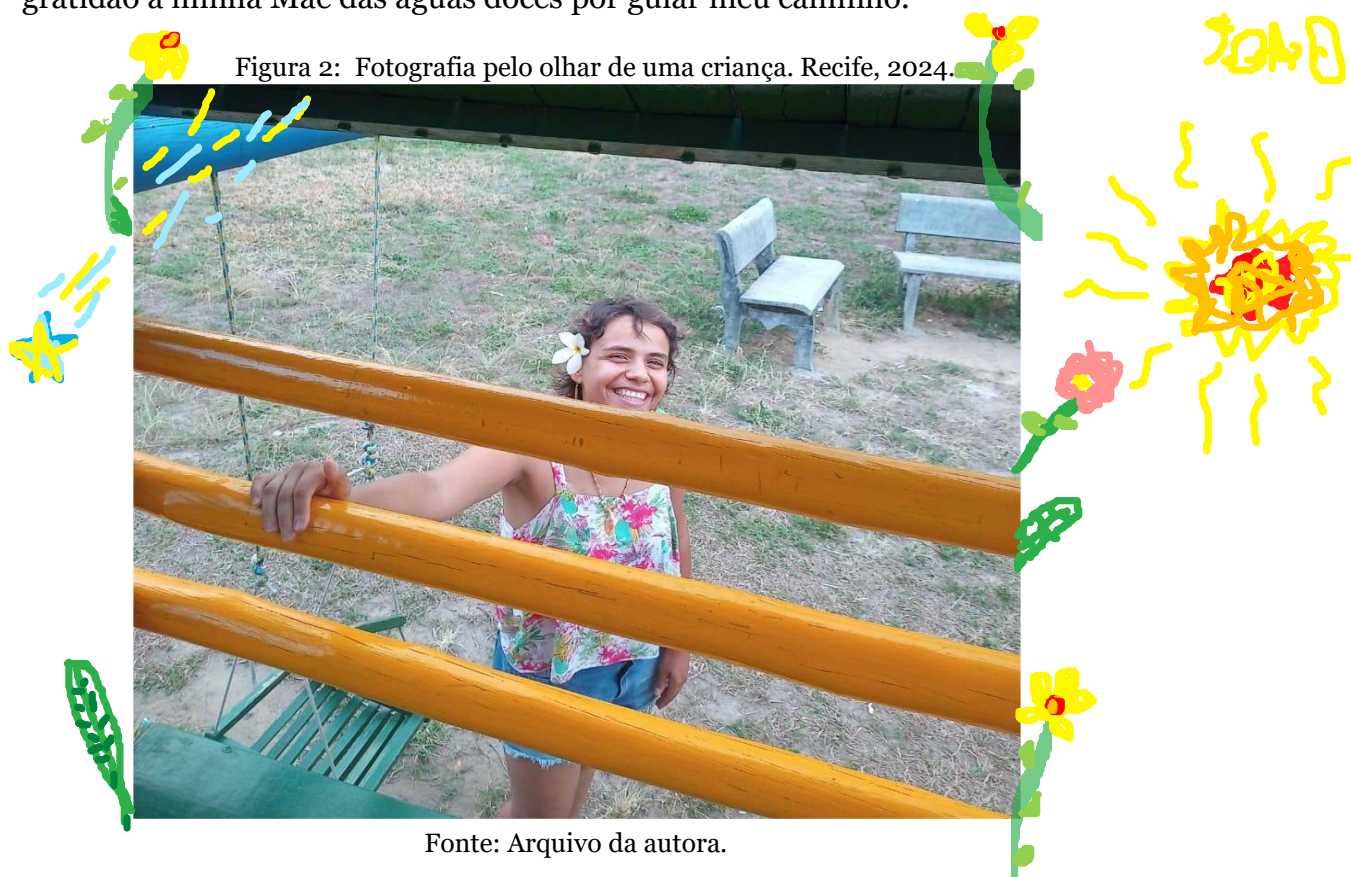
1. Ensino e aprendizagem nas infâncias. 2. Artes Visuais. 3. Criatividade. 4. Ludicidade. 5. Empatia . I. e Silva, Maria Betânia . (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

Agradecimentos

Dedico estas palavras de gratidão ao meu filhinho que tanto me incentiva, me diz coisas profundas como “meus olhos são seu espelho” ou então através do desenho escreveu “uma árvore não é uma paisagem, uma árvore é Deus”; ao meu sobrinho amado que me faz lembrar com ternura da minha infância onde eu assim como ele também adorava desenhar, criar diálogos com os bonecos e cantarolar enquanto brincava; dedico esse trabalho a todas as crianças que fizeram morada no meu coração com sua genuinidade. Agradeço a minha família que sempre me apoiou desde o início da graduação no ano de 2016, vivendo junto comigo as surpresas que a vida me reservou como uma gravidez inesperada aos dezessete anos e um câncer aos vinte e cinco anos e permaneceram segurando minha mão para que eu pudesse ter condições de vivenciar os processos e seguir em frente. Agradeço às professoras que passaram por minha vida deixando um rastro de luz e encantamento através de suas aulas e me dando esperanças, levantando meu olhar para a busca do verdadeiro sentido da arte na educação. Gratidão a Deus e a todos meus guias, gratidão à minha Mãe das águas doces por guiar meu caminho.

Figura 2: Fotografia pelo olhar de uma criança. Recife, 2024.



Fonte: Arquivo da autora.

Resumo

Este trabalho foi concebido a partir de experiências artísticas e pedagógicas realizadas em meu período de docência com duração de três meses no Centro de Educação Comunitária Gabriela Feliz, no ano de 2024. Localizada na cidade de Recife – Pernambuco, a instituição atende crianças de três a cinco anos no ensino infantil. Nessa curta, porém, construtiva e inspiradora passagem pelo Gabriela Feliz, tive a oportunidade de aprender aspectos relacionados à preparação e execução das aulas de arte e também de refletir sobre a maneira como as crianças interagem na sala de aula e contribuem com a construção do conhecimento, essa experiência serviu para fortalecer meu olhar com relação ao potencial da arte na educação infantil, antes mesmo, de concluir a licenciatura, em meu último período de graduação em Artes Visuais. As experiências que descrevo a seguir auxiliaram na convicção de que realmente desejo seguir o caminho da educação e a perceber na prática como a arte pode ser fundamental para o desenvolvimento humano. Neste trabalho destaco a importância do ensino de artes visuais associado à ludicidade, ao estudo sobre empatia, à leitura e à integração com os elementos da natureza para o fortalecimento da criatividade nas infâncias.

Palavras-chave: Criatividade. Educação Infantil. Artes Visuais. Ludicidade.

Abstract

This work was conceived based on artistic and pedagogical experiences carried out during my three-month teaching period at the Centro de Educação Comunitária Gabriela Feliz, in the year 2024. Located in the city of Recife – Pernambuco, the institution serves children aged three to five years in early childhood education. In this short, however, constructive and inspiring visit to Gabriela Feliz, I had the opportunity to learn aspects related to the preparation and execution of art classes and also to reflect on the way children interact in the classroom and contribute to the construction of knowledge, this experience served to strengthen my view of the potential of art in early childhood education, even before completing my degree, in my last period of graduation in Visual Arts. The experiences I describe below helped in the conviction that I really want to follow the path of education and realize in practice how art can be fundamental to human development. In this work I highlight the importance of teaching visual arts associated with playfulness, the study of empathy, reading and integration with the elements of nature to strengthen creativity in childhood.

Keywords: Creativity. Early Childhood Education. Visual arts. Playfulness

Sumário

➤ 1. Introdução.....	08
➤ 2. Um convite à minha criança interior.....	13
➤ 3. A descoberta na arte de ler.....	24
➤ 4. Mural das Artes.....	29
➤ 5. Conclusão.....	32
➤ 6.Referências.....	34

1.Introdução

Esta pesquisa de conclusão de curso propõe como objetivo fazer uma análise das práticas artísticas e pedagógicas no âmbito do ensino não formal, no campo das Artes Visuais, tendo como objeto de estudo minha experiência de docência no Centro de Educação Comunitária Gabriela Feliz¹, situada em uma periferia no bairro da Caxangá, na cidade de Recife - Pernambuco, onde no ano de 2024 durante três meses, lecionei duas vezes por semana para em torno de 125 estudantes.

A ONG se divide em três Grupos de ensino infantil, conforme ilustra a tabela a seguir:

Tabela 1. Ensino infantil.

GRUPOS	FAIXA ETÁRIA
Grupo 3	Crianças de 3 anos
Grupo 4	Crianças de 4 anos
Grupo 5	Crianças de 5 anos

Fonte. Arquivo da autora, 2024.

Além das aulas de ensino regular na instituição, acontecem aulas de reforço escolar e capoeira. Os estudantes em sua maioria são moradores que residem com suas famílias em construções precárias construídas às margens do rio Capibaribe.

A ideia de criar o projeto surgiu a partir de um convite feito pela direção da escola após a realização de uma formação que facilitei para as professoras da instituição, com a temática da arte integrada à natureza, desenvolvi um trabalho com pigmentos naturais explorando a criatividade através do estudo das cores presentes nas plantas.

A previsão de duração para as aulas de artes era de um ano, mas por conta da falta de financiamento por parte da prefeitura não foi possível dar

¹ Organização Não Governamental conveniada à Prefeitura da cidade de Recife.

continuidade ao contrato. De toda forma esta curta passagem me trouxe bons ensinamentos, registrados neste relato de experiência.

No dia a dia muitas eram as situações que me levaram a refletir sobre a importância do aprimoramento e estudo docente para construção de uma educação que favorece e revela um olhar atencioso às diversidades e especificidades que caracterizam cada infância, considerando pois que cada criancinha carrega consigo suas experiências na “mochila” até a escola. Entendo que essas experiências, às vezes, podem estar além da capacidade da criança suportar, por vezes são pesadas e difíceis de lidar, depositadas pelos adultos e pelo meio em que vivem.

Considerá-las, significa entender que a forma como a criança interage no coletivo é semelhante a maneira como enxerga o mundo ao seu redor e que existem sentimentos que somente a escuta e o acolhimento sincero do adulto podem auxiliá-la a compreender. Esses sentimentos surgem no dia a dia da escola, através de palavras e atitudes, se mostram os reflexos das vivências particulares de cada criança e a vontade de serem compreendidas.

Mas, por que é correto dizer infâncias? Conforme aponta a pesquisa dos brasileiros, a médica Adriza Barbosa e o sociólogo João dos Santos (2017), é correto considerar as distintas realidades possíveis para cada indivíduo que nasce, pois algumas são mais preservadas enquanto em outras as crianças são submetidas a condições que vão em desacordo com o bem estar e a inocência forçando-lhes ao amadurecimento precoce. Historicamente podemos observar a desigualdade que sempre marcou a trajetória de pessoas brancas à de pessoas negras e indígenas no Brasil, tal situação é um exemplo que nos mostra a impossibilidade de tratarmos a fase² da infância como sendo algo singular pois esse período não é vivido da mesma maneira por todas as crianças, é correto citarmos o termo “infâncias³” ao nos referirmos a essa fase tão fundamental e determinante na vida.

Devemos nos perguntar se estamos insensíveis ao outro quando decidimos percorrer os caminhos da educação? Este questionamento aconteceu, uma vez

² Está etapa da educação infantil é a fase centrada na experiência lúdico e de estímulo aos sentidos.

³ São diversas as infâncias e em cada uma é preciso considerar o contexto a qual cada criança está inserida.

que considero a empatia como uma virtude que possibilita nos colocarmos em posição pacífica, acolhedora e atenciosa. Por isso, acredito que se estamos distantes deste entendimento podemos, por vezes, construir muros que nos tornam incapazes de sentir pelo outro, de alcançar uma educação com olhar humanitário.

Como exemplo, para me fazer entender, imaginemos algumas necessidades que se revelam em uma turma agitada e barulhenta, existe uma vontade evidente de falar e ser ouvido. Por outro lado, podemos observar alguns bloqueios que ecoam nas paredes de uma sala onde quase não se ouvem as vozes das crianças, onde ainda são utilizados métodos ultrapassados vinculados à educação tradicional como a temida “cadeirinha do pensar” imposta pelo professor com intenção de fazer a criança refletir sobre o que o adulto entende por ser errado.

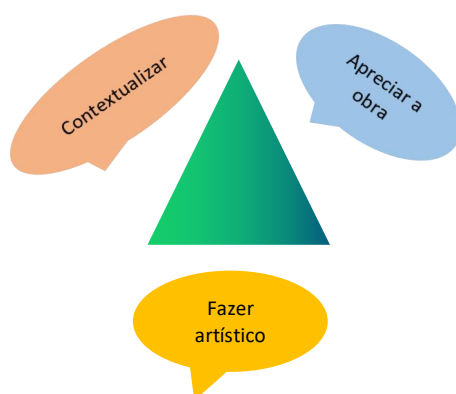
As explicações para tais diferenças acontecerem com turmas de estudantes da mesma idade, se revelam nas práticas educacionais de cada professor(a), certamente, as consequências desse processo influenciarão na aprendizagem.

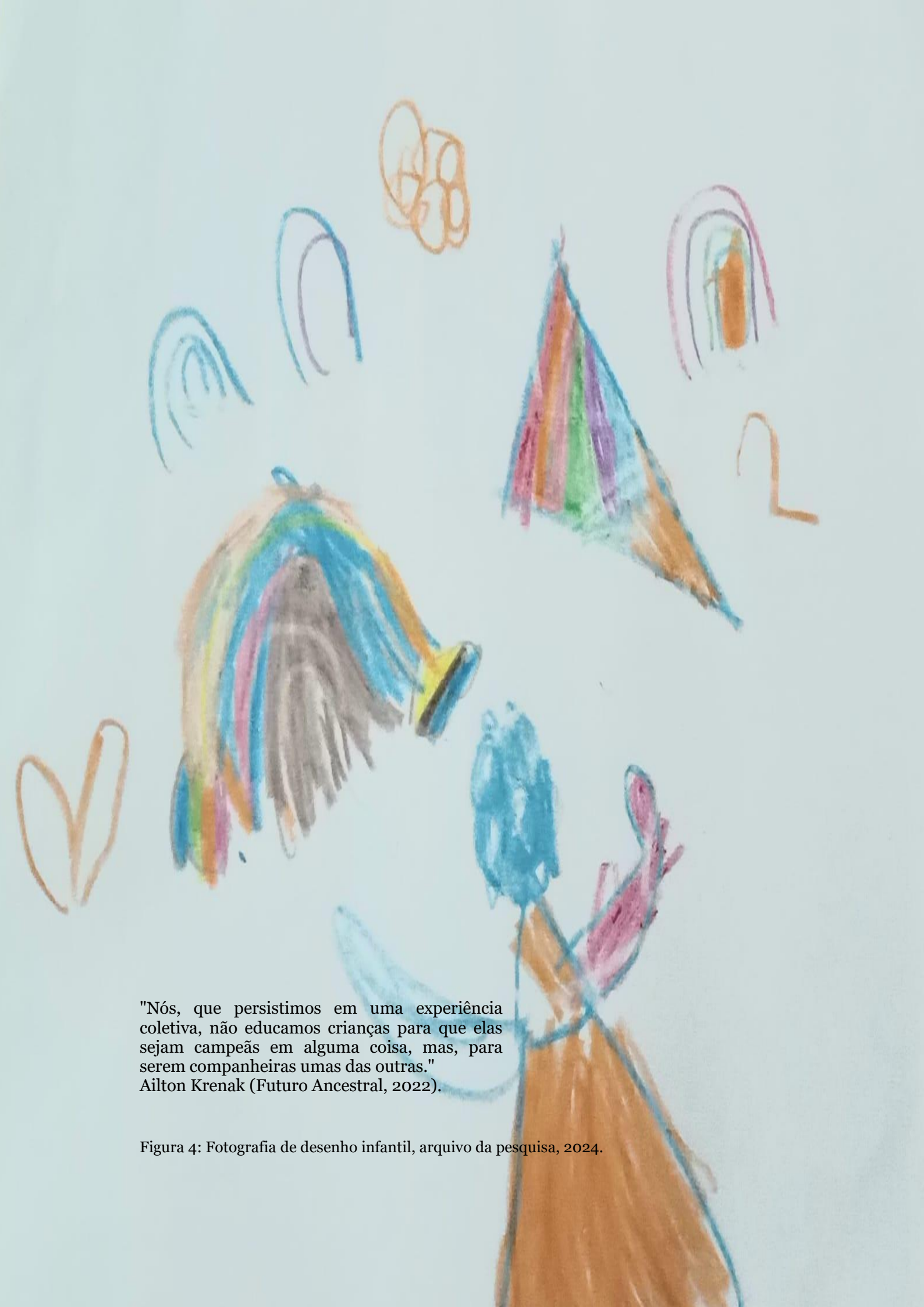
O movimento faz parte do envolvimento da criança com o espaço em que ela habita, a necessidade de expressão nesta fase é natural e precisa ser bem direcionada. Compreendo que os vínculos de confiança e respeito nas relações não devem ser construídos a base de gritos e ameaças, pois penso que o medo não constrói envolvimento e sem envolvimento não é possível termos certeza de que o aprendizado está realmente acontecendo, as expressões precisam ser direcionadas e isso exige esforço, tempo, observação, estudo, continuidade e comprometimento com o trabalho de fazer nascer nos estudantes o desejo de aprender, é um longo caminho até que finalmente se estabeleça o sentido de pertencimento e confiança.

Neste relato de experiência, descrevo as atividades realizadas por mim, em meu período lecionando no Gabriela Feliz, onde tive a oportunidade de praticar nas aulas a abordagem triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa (1980). O conceito refere-se à aprendizagem por meio da arte como sendo fundamental para realização de uma educação integral, de forma abrangente considerando que todas as pessoas podem aprender a fazer arte, independente

da classe e condição social, ou seja, não somente a elite. Unindo seu conceito aos exemplos e aprendizados que tive ao longo dos anos de estudo e pesquisa dentro da graduação no curso de Licenciatura em Artes Visuais, apresento este trabalho como sendo um ponto inicial na minha jornada enquanto aprendiz de professora e admiradora do potencial transformador da arte.

Ilustro no triângulo abaixo os três pilares na arte educação desenvolvidos por Ana Mae e utilizados por mim para construção das aulas que descrevo mais adiante. Observo que para realização desses pilares não existem prioridades de um sobre o outro, sendo assim, cabe ao professor(a) escolher por onde começar, considerando os objetivos da aula e as possibilidades existentes de trabalho.





"Nós, que persistimos em uma experiência coletiva, não educamos crianças para que elas sejam campeãs em alguma coisa, mas, para serem companheiras umas das outras."
Ailton Krenak (Futuro Ancestral, 2022).

Figura 4: Fotografia de desenho infantil, arquivo da pesquisa, 2024.

2. Um convite à minha criança interior

Permeiar meus pensamentos de infância significa estimular minha imaginação, tornar-me curiosa pelas simples e incríveis pequenas descobertas equilibrando entre o sonhar e o realizar. Significa também aprender a apreciar cada momento estando presente, buscando leveza, cores e ludicidade para minhas ações e palavras.

Pesquisar sobre as infâncias me emociona, por vezes, sou levada a lembrar de memórias das quais busquei esquecer com o passar do tempo, sobre a minha infância e de tantas outras que pude presenciar, mas reconheço que algumas recordações podem ser necessárias para que agora um pouco mais amadurecida pelo tempo e pela maternidade eu possa entender e criar novas recordações, encerrar ciclos de ignorância e violência através da oportunidade que tenho de educar.

Existem ciclos que somente o amor e o conhecimento são capazes de encerrar e criar memórias curativas, me deparei em diversos momentos dentro e fora da escola com cenas nas quais os adultos rotulavam as crianças chamando-lhes de burro, teimoso, danado, tímido, desastrado e etc. Os efeitos dessas palavras são sentidos durante toda vida, como feridas que geram dúvidas e inseguranças com relação a quem realmente somos. “A infância é um chão que pisamos a vida inteira.” segundo afirmou a escritora brasileira Lia Luft (1938-2021).

Desprender-se dos julgamentos que recebemos ao longo da vida requer muito discernimento e tempo, os comentários, comparações e gestos que partem dos profissionais da educação tem um poder imenso de influência no desenvolvimento das crianças, é necessário seriedade e reflexão contínua sobre as palavras e atitudes, pois elas ecoam em diversos momentos durante a vida, indo e vindo através das memórias e essas atitudes podem estar relacionadas a maneira como fomos educados quando crianças.

Não é fácil entrar na sala de aula e ouvir comentários como “Bom dia tia, minha mãe está doente porque eu aperreio muito ela” responder sem jeito com uma palavra de conforto e seguir em frente para o andamento da aula.

Muitas vezes demoramos para conseguir iniciar o planejado para o dia, acontece que existe uma grande necessidade de socialização nas crianças, entre elas a vontade de brincar, também de encontrar no(a) professor(a) acolhimento às suas questões, quantas vezes ouvi *“tia, eu senti saudades de você”, “tia, eu te amo”, “tia, meu cachorrinho morreu”, “tia ontem eu fui a praia”, “tia ontem foi meu aniversário”* e entendi a importância de ouvir naquele momento.

Assim, me senti aliviada por perder aqueles dez ou quinze minutos de aula construindo o sentimento de amizade com eles, esses momentos de diálogos espontâneos são fundamentais para que se estabeleçam relações de confiança e muitas vezes é nesses momentos que surgem assuntos importantes que embora não estejam no plano de aula, servirão para construção de debates significativos ao que se refere à humanidade das crianças, seus medos, seus sonhos, suas expectativas e saberes.

Considero o estudo sobre a empatia um caminho necessário de se percorrer na educação, ensinar e aprender a perceber o incômodo do outro, assim como aprender a ouvir e saber silenciar. Numa sala de aula onde se escutam os gritos de alguns pequenos sempre existe o silêncio de outros na qual os ouvidos sofrem com o barulho, são mais sensíveis por diversas razões e é necessário o olhar atencioso do professor para aos poucos ir ensinando a turma a perceber uns aos outros, a dificuldade de comunicação vindo através do barulho ou do silêncio pode ter muitos significados.

Identifiquei com o decorrer do tempo, que embora as crianças ainda não soubessem se auto regular, algumas delas tinham a capacidade de se colocar no lugar do outro naturalmente e também a vontade de acolher.

Certo dia me surpreendi com uma das turmas do G5, nessa normalmente eu demorava dez a quinze minutos para conseguir iniciar a aula, a maioria dos estudantes muito agitados, praticamente gritando e andando inquietos pela sala, quando de repente dois olhinhos que me observavam aflita tentando falar começa a cantar *“Eu quero ouvir o som do silêncio, do bater das asas de uma borboleta...”* e todos em coro repetiam.

E assim eles iniciavam a aula mostrando que não é necessário gritar para chamar atenção, o vínculo que eles tinham trazido com eles construído com a professora do ano anterior, através da canção transportava a turma para um outro estado de presença e calma. Apesar de não durar muito o silêncio que se sucedia, foi o suficiente para me perceberem e para que eu pudesse mostrar ou dizer algo que os despertasse interesse em ouvir. Realmente, a música conecta as pessoas, pude observar os efeitos dela em diversas aulas.

Acredito que quando somos crianças, tudo que fazemos é brincadeira⁴, escovar os dentes, comer, tomar banho, e entendo que isso não deveria ser dissociado ao estudo, até porque é a linguagem da criança, e por ela nós adultos devemos aprender a nos comunicar com os pequenos para nos fazermos entendidos.

Ao adentrar a escola na posição de professora precisei convidar minha criança interior para também entrar, para ter vontade de criar, de imaginar e aprender. Essa integração com minha própria infância me faz lembrar que cada gesto, olhares e palavras são observados pelos olhinhos ao redor carregados de expectativas.

Conforme as experiências que vivi enquanto professora, pude refletir na existência de determinadas circunstâncias que acarretam o distanciamento do planejamento de uma aula até o que finalmente resulta sua execução prática, por exemplo: o tempo reservado para aula é diferente do tempo em que realmente acontece a aula, pois durante a sua realização podem surgir necessidades imprevisíveis de cuidado com as crianças comprometendo a concretização das atividades programadas.

Além disto, à medida que o trabalho avança surgem novos assuntos que havendo espaço na metodologia do professor, podem transformar o direcionamento das aulas. Desta forma é preciso entendermos que ao planejar as atividades, as mesmas servirão como guia para condução da aula, estando constantemente sujeitas a modificações para o aperfeiçoamento. Observar as

⁴ Destaco a importância de proporcionar as crianças tempo destinado à brincadeira livre sem um fim didático específico, pois nas brincadeiras as crianças aprendem também regras, o respeito ao outro, como interagir na coletividade, a alteridade, empatia etc.

condições reais de trabalho é fundamental para construir uma aula lúdica dentro do possível e valorizar a interação com a turma.

Na universidade aprendi sobre o que é o encantamento na educação, algumas ferramentas de ensino que envolvem o olhar do estudante e facilitam a aproximação com o assunto, a identificação com o tema e o interesse em aprender. Pode ser uma pergunta que estimule à reflexão, um som que desperte memórias, uma imagem, algo que em si desperte o sentimento de inovação e alimente a criatividade.

As primeiras aulas que eu lecionava sobre diferentes assuntos sempre eram mais desafiadoras e não muito proveitosas, mas deixavam sementes de ideias para melhoramento da metodologia de ensino, esse aproveitamento posterior da experiência exige do professor tempo para registrar, refletir, pesquisar e investir em certos diálogos, por isso é tão importante que o profissional tenha seu direito assegurado pela instituição de ter tempo destinado na carga horária para preparação das aulas, estudo e reuniões periódicas com os demais professores possibilitando que haja a troca de experiências e criações de projetos que tenham continuidade e propósito.

A ludicidade muitas vezes é utilizada para preencher espaços vazios da rotina escolar, mas ela é na verdade um potencial na construção do aprendizado, quando introduzimos as brincadeiras nas atividades com intencionalidade e significado aproximamos as crianças de uma realidade que pertence a sua condição. Segundo a mestra em educação Josilene de Resende Santos e o doutor em ciências da educação Joelson Rodrigues Miguel (2019, p. 719);

A brincadeira lúdica vem ampliando sua importância, deixando de ser um simples divertimento e tornando-se uma ponte entre a infância e a vida adulta. O grande desafio para o educador no contexto atual é ensinar os conteúdos propostos pelos programas curriculares de uma forma criativa, significativa, contextualizada e prazerosa para os aprendizes.

A dimensão lúdica pode ser visualizada por meio das figuras cinco e seis.

Figura 5 e 6: Crianças em produção.



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção da autora. Recife, 2024.

Na Figura 5 e 6, as crianças do G5 estão pintando rolos de papel higiênico para construção de um binóculo. O projeto “Conhecendo a família do beija-flor” propôs um estudo das cores a partir da observação dos efeitos iridescentes, multicoloridos presentes na natureza. Iniciamos com um exercício de percepção musical com cantos de pássaros com intuito de estimular a curiosidade e concentração, naturalmente as crianças foram silenciando e assimilando os sons aos cantos dos pássaros, então chegamos finalmente a figura do beija-flor através de um exercício de leitura de imagens, onde levei impressas fotografias de diversos beija-flores que formam uma grande família com mais de 80 espécies somente no Brasil.

Na aula seguinte, construímos um diálogo sobre a preservação da natureza para vida dos animais e a importância de contemplarmos as árvores para perceber a presença dos pássaros em meio à cidade, realizando então a pintura e confecção dos binóculos reciclados.

Era grande o interesse e entusiasmo deles em usar as tintas junto com os colegas, também a surpresa que alguns demonstraram em poder misturar as cores, assim como a facilidade ou dificuldade para manusear o pincel.

De fato, é um desafio manter a organização do espaço durante atividades que oferecem autonomia no manuseio de tintas para crianças pequenas, existe uma série de cuidados para que não coloquem a tinta na boca, se melem ou

melem os colegas, colocar o avental em mais de vinte crianças antes de distribuir os materiais, tudo isso leva tempo somente para preparação da atividade, restando poucos minutos para a realização do processo criativo.

Talvez por esse motivo, tantas caixas com tintas guache ficavam guardadas nos armários da escola, sendo utilizadas de forma muito controlada pelas professoras em datas comemorativas para colorir as mãos das crianças “carimbando” no papel por exemplo.

O projeto sobre a família do beija flor rendeu bons frutos de continuidade e descobertas, com os rolos já secos e prontos para confecção, propus uma roda de conversa e efeitos iridescentes na natureza, contei com a participação das crianças no diálogo expondo suas narrativas de memórias e vivências com a natureza, em seguida demonstrei como transformar os rolos de papel higiênico para utilizá-lo como um instrumento de contemplação, os estudantes puderam levar para casa seus binóculos reciclados com intuito de pesquisar a natureza.

A ideia de iniciar as aulas de artes com o estudo das cores surgiu após a observação dos desenhos das crianças, percebi o interesse pela figura do arco-íris pois estava presente nas narrativas visuais em várias turmas diferentes, então, fui em busca de uma forma de apresentar o conhecimento sobre esse fenômeno através do estudo sobre a natureza.

Meu objetivo principal no projeto de Artes Visuais que desenvolvi no Gabriela Feliz foi integrar as crianças à natureza através de propostas que favorecessem à reflexão sobre temas de preservação ambiental, utilizando nos encontros preferencialmente materiais que já faziam parte do dia a dia das crianças como o lápis de cor e o papel A4, ressignificando seu uso. Buscando incentivar a participação das crianças na construção do conhecimento, a cooperação no coletivo e o respeito aos seus processos criativos e aos dos colegas.

Observaremos nas figuras 7 e 8 atividades realizadas em torno do projeto “Estação do outono” onde desenvolvemos as propostas com o uso do giz de cera e do papel A4, numa perspectiva de inovação a esses materiais convencionais.

Figura 7 e 8: Crianças em diálogo e investigação



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção da autora, Recife, 2024.

Na figura 7 podemos ver as crianças do G4 pesquisando a natureza através das folhas de diversas cores e tamanhos, mostrando uns aos outros e compartilhando suas percepções, procurando os detalhes com a ferramenta da lupa. Ao lado na figura 8, as crianças estão sentadas de forma a facilitar a interação entre eles e o compartilhamento dos materiais para um exercício de composição visual no papel com frotagem de folhas.

Pude presenciar alguns comentários significativos no decorrer da atividade, como “eu consegui fazer, eu sei fazer arte”, “olha parece mágica”, “eu sou bom nisso”. Esses registros me fazem lembrar o valor da arte, como é motivador acompanhar uma criança que pouco fala e participa, tornar-se participativa e entusiasmada ao comemorar seus aprendizados.

Dando continuidade ao projeto sobre o outono, fizemos outra atividade com folhas, nesta vez usando a técnica de colagem com uma proposta de criação de histórias através da pintura, utilizando giz de cera e lápis de cor. As crianças eram livres para colocar no papel suas ideias sem limitações, tendo como inspiração a figura do “Bicho folha”, inseto com características idênticas a de uma folha. Meu objetivo nesta atividade era estimular a imaginação e curiosidade das crianças através do conhecimento sobre a natureza. Os

registros da criação artística desta atividade podem ser observados nas figuras 9 e 10.

Figura 9 e 10: Criação do Bicho Folha



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção da autora, Recife, 2024.

Iniciamos a aula com a leitura do livro de ilustração infantil “Psiu” (2012) na narrativa a história acontece num quintal, onde acompanhamos o processo da semente, do broto e da planta, conhecemos suas raízes, sua conexão com o sol, a terra e água para se desenvolver e também sobre os animais que moram no arvoredo. Além de desenhar o corpo do bicho ao redor da folha escolhida e colada, as crianças poderiam acrescentar outros elementos na pintura e desenho como por exemplo o lugar favorito do bicho folha.

Surgiram ao longo do processo alguns diálogos com relação à liberdade de criação, algumas crianças sentiam-se inseguras sobre o que desenhar quando eu disse que poderiam escolher de que forma iriam representar o bicho folha, alguns criticaram os colegas vindo até mim dizer o que tinham feito como se precisassem se encaixar num determinado padrão, se haviam pintado atrás do papel ou por cima da folha os colegas vinham até mim para relatar como se tivessem errado, como se as próprias crianças reprimissem umas às outras. Nesses momentos percebia a importância de conversar sobre “bonito” e “feio” e sobre deixar claro que o que eu queria ver no resultado de cada um era único, é justamente os traços de criança que eu esperava conhecer, longe de um realismo muitas vezes idealizado pelos adultos.

Dentro dessa análise a respeito da poética dos desenhos infantis, destaco as considerações da doutora em educação Sandra Mara da Cunha (2018, p.237) quando afirma:

Considerar o ponto de vista das crianças e questionar as estéticas adultas que buscam obras de arte e acontecimentos artísticos perfeitos, pois os resultados das realizações das crianças, neste campo, valem-se de outras lógicas. Isto porque elas não são artistas profissionais: são crianças e expressam-se por meio de linguagens com alta carga poética. Aos adultos cabe sempre perguntar: como as crianças atuam no campo das investigações e criações artísticas? O que lhes captura o interesse: os processos ou os resultados? Estas são questões importantes e que devem ficar mais claras para aqueles que trabalham a Arte na Educação Infantil, para que as instituições educativas acolham as crianças e suas potências inventivas.

Relaciono essa relação de insegurança com o desenho livre ao excesso de atividades de reprodução na educação infantil, por limitarem a criatividade da criança, impedindo que pensem no que vão criar e como vão fazer, como por exemplo atividades de pintura de desenhos prontos e xerocados, desenhos pontilhados, atividades que delimitam as cores que as crianças podem usar e que não exploram a poética, pois normalmente giram em torno de datas comemorativas ou complemento de carga horária.

Neste ponto reflito sobre a proposta de desenho livre que não está dissociada do objetivo pedagógico, pois é necessário refletirmos sobre o propósito das atividades, para que os resultados dos processos artísticos sejam, de fato, significativos para o desenvolvimento das crianças, existindo dessa forma a possibilidade de haver continuidade e reflexão a respeito de determinados assuntos.

Acredito no desenho livre enquanto possibilidade da criança expressar na sua obra o que não foi pré determinado pelo adulto, que é exatamente o que a criança traz consigo em sua essência e nos apresenta como contribuição maior

no aprendizado. Afirmar a artista e escritora brasileira Edith Derdyk (1993, p.19);

A criança ao desenhar, canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina ou até silencia... O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário.

Nas fotografias 11 e 12 podemos observar diversos elementos introduzidos pelas crianças do G5 em seus desenhos, indo além da temática proposta sobre o modo de vida do Bicho Folha, demonstrando que houve uma abertura para livre expressão das ideias unidas ao conhecimento compartilhado em sala.

Figura 11 e 12: Composição dos desenhos



Fonte: Arquivo da pesquisa, Recife, 2024.

Considero importante reunir as obras de arte num lugar da sala de aula com os estudantes ao redor, para que todos possam contemplar os trabalhos uns dos outros, e também abrir espaço para observação dos diálogos entre eles, se existe respeito perante as produções, ou se é necessário investir em diálogos sobre o que é empatia e liberdade artística. Considerando a obra de arte como sendo todo o processo de construção desde o pensamento sobre o que fazer, a descoberta e manuseio dos materiais, chegando até o resultado final.

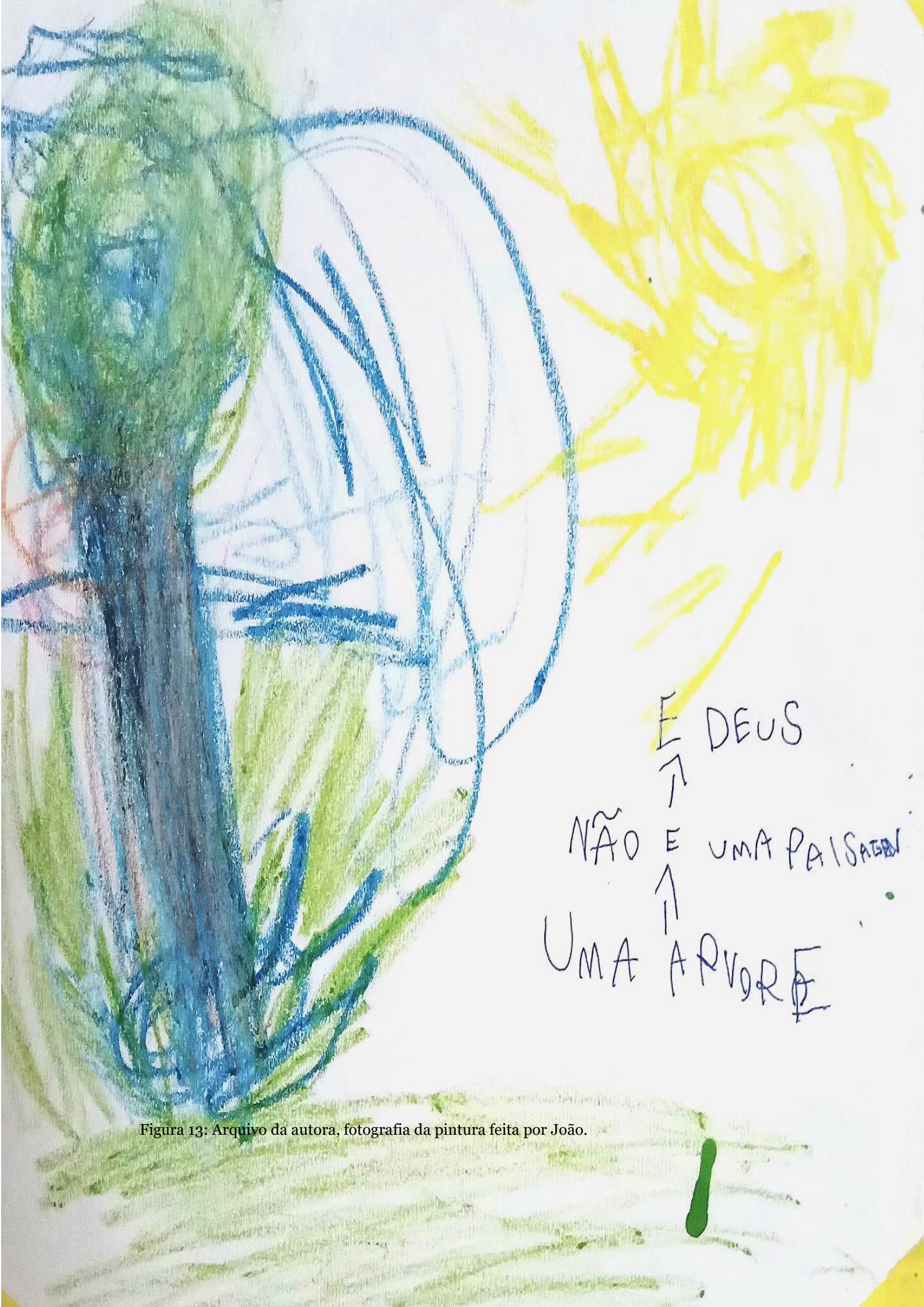


Figura 13: Arquivo da autora, fotografia da pintura feita por João.

3. A descoberta na arte de ler

Apesar de não ter muitas memórias de meus pais lendo para mim, meu encanto pelos livros de ilustração sempre existiu e lembro do meu entusiasmo ao receber de presente novos livros, também lembro da sensação que sentia ao descobrir novas histórias sobre contos de fadas e imaginar que era possível serem reais.

Essa admiração que trouxe da minha infância eu transmiti para o meu filho desde que estava em minha barriga e até hoje, é muitas vezes nesse momento de leitura antes de dormir que consigo dedicar um tempo de conexão e presença com ele. Esses momentos de descoberta e viagem através das histórias são mágicos e capazes de emocionar as pessoas de todas as idades, os livros de ilustração infantil carregam em suas páginas muito afeto e reflexão.

Não ter entendimento sobre determinadas coisas na infância, pode ser favorecedor para a imaginação, possibilitando acreditar na possibilidade de coisas fantásticas existirem. Através de poéticas mensagens, os livros infantis são muito assertivos e declaram nas narrativas a intencionalidade das mensagens. Charréu (2012, p. 16) afirma que:

Os livros ilustrados atuais podem e devem ser considerados mais do que tentativas para simplesmente entreter a criança. Acabam, muitos deles, por serem fundamentais para a construção da sua personalidade, pela forma como vão influenciar a sua mente quando da sua dupla recepção (texto-imagem) quer seja lido pelo professor, pelos pais ou autonomamente.

Considera-se aqui, que a descoberta da criança pelo novo através das páginas dos livros é conduzida pelas pinturas e desenhos ilustrados, esse diálogo entre arte e literatura é algo que considero fundamental na arte educação pois os livros são para o aprendizado verdadeiros mediadores do conhecimento e

encontram na arte, potencial criativo para envolver os pensamentos das crianças através das cores, traços e texturas.

Durante minhas experiências lecionando no Gabriela Feliz, eu sentia necessidade de incluir os livros no planejamento das aulas, pois a escola não dispunha de data show para as professoras usarem nas salas, então, era preciso buscar outras alternativas para conduzir ao exercício de leitura visual. Havia apenas um data show que era utilizado esporadicamente em outro âmbito da escola, tornando seu uso inviável para realizar em um aula com duração, em média, de quarenta e cinco minutos. Então, eu recorria às fotografias impressas e aos livros infantis para realizar exercícios de leitura de imagens e possibilitar inspirações visuais à turma.

Porém, percebi que não bastava simplesmente abrir o livro e ler, era preciso encantar-me pela história, ter curiosidade nas palavras e alegria nos gestos, preparar a turma de forma confortável e que todos ao redor tivessem acesso a ver nossa incrível descoberta: o livro novo que íamos conhecer!

Por vezes, para falar com as crianças, precisamos entrar no universo delas. Não se pode cativar o interesse genuíno através da rigidez. Segundo a doutora em artes visuais, Regina Machado (2004, s/p):

O contador não pode ter a expectativa de 'silêncio absoluto' ou querer antes de mais nada 'contar a história até o fim', do modo como a preparou, 'custe o que custar'. Estar presente no instante da narração é dialogar com o que surgir, sem ter sido previsto, revertendo os acontecimentos a favor da história.

Acredito que as contribuições das crianças na construção do conhecimento necessitam da valorização da fala e pensamento, pois através da comunicação elas expressam suas perspectivas, curiosidades e compartilham os saberes que trazem consigo. Cabe aos educadores a habilidade de conduzir e utilizar essa interação da melhor forma. É necessário para se alcançar uma educação participativa que haja planejamentos voltados não somente para a realização

dos interesses pessoais do adulto, mas que na prática valorizem as questões trazidas pelas crianças e se desenvolvam em torno de suas necessidades e especificidades.

Além do ato de ler para uma criança, podemos proporcionar experiências sensoriais completas, oferecer-lhes tempo de qualidade para que possam ter a autonomia de manusear, escolher e compartilhar as novas descobertas pois o movimento de folhear as páginas e retornar para as anteriores consiste em exercício primordial para a compreensão da narrativa. Descreve com relação a importância da leitura na infância, a doutora em letras Maria Machado de Lima (2018, p.108) diz que:

A literatura permite às crianças aproximar-se e conhecer sua própria linguagem, a partir do discurso tratado em sala, permitindo a significação das palavras, através da arte de fruir o texto.

Existem estratégias para melhorar a contação de histórias, utilizei alguns recursos como por exemplo: fantoches e bichos de pelúcia que faziam referência a personagens contidos nas narrativas, alguns registros das contações e de momentos livres para as crianças manusearem os livros podem ser visualizados por meios das figuras 14 e 15.

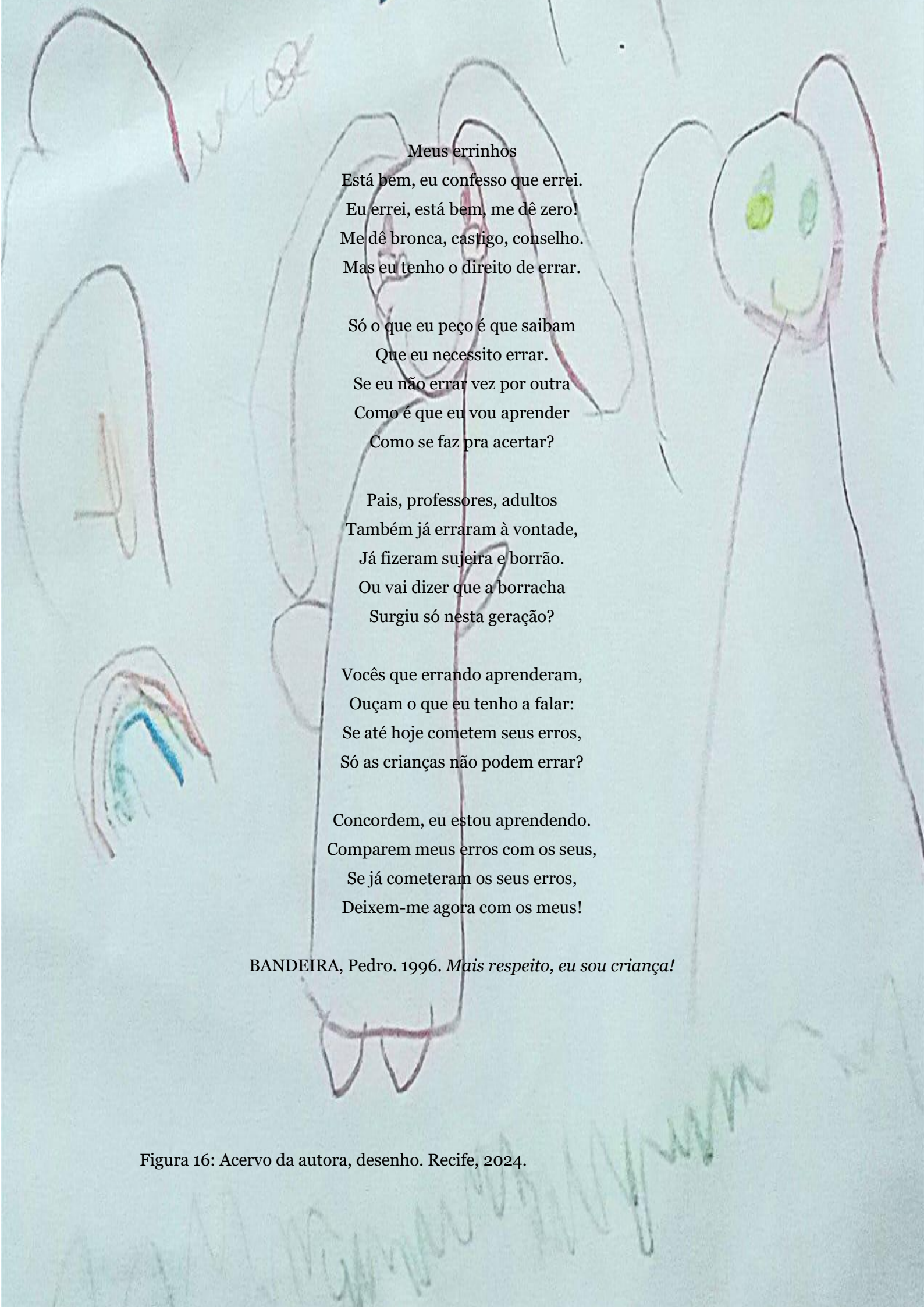
Figura 14 e 15: Contação de histórias.



Fonte: Arquivo da pesquisa, Recife, 2024.

Valorizo os momentos de roda, pois fortalecem o contato visual e o sentido de pertencimento ao grupo. Antes de conhecer as letras experimentamos a leitura através das imagens e é por meio delas que descobrimos as cores e inventamos as possibilidades.

Hoje em dia, existem livros repletos de texturas, cores e temáticas, alguns emitem até mesmo sons, proporcionando experiências criativas sem sair do lugar para todas as idades, como exemplo. Por isso, acredito, que nessa geração onde vemos a tecnologia ser tão presente e quase devoradora substituindo os brinquedos e as brincadeiras ao ar livre, ler para crianças significa plantar sementes de imaginação e criatividade.



Meus errinhos
Está bem, eu confesso que errei.
Eu errei, está bem, me dê zero!
Me dê bronca, castigo, conselho.
Mas eu tenho o direito de errar.

Só o que eu peço é que saibam
Que eu necessito errar.
Se eu não errar vez por outra
Como é que eu vou aprender
Como se faz pra acertar?

Pais, professores, adultos
Também já erraram à vontade,
Já fizeram sujeira e borrão.
Ou vai dizer que a borracha
Surgiu só nesta geração?

Vocês que errando aprenderam,
Ouçam o que eu tenho a falar:
Se até hoje cometem seus erros,
Só as crianças não podem errar?

Concordem, eu estou aprendendo.
Comparem meus erros com os seus,
Se já cometeram os seus erros,
Deixem-me agora com os meus!

BANDEIRA, Pedro. 1996. *Mais respeito, eu sou criança!*

Figura 16: Acervo da autora, desenho. Recife, 2024.

4. Mural de Artes

Uma das intenções do projeto de artes visuais no Gabriela Feliz foi a criação de um mural, onde seriam expostos os trabalhos de artes semanais, com intuito de valorizar as obras feitas pelas crianças e mostrar para comunidade o que estava sendo construído nas aulas. Infelizmente, a segunda parte do projeto não saiu do papel, pois mesmo com a exposição acontecendo continuamente, a instituição não abria as portas para as famílias apreciarem os trabalhos.

De fato, a contemplação dos trabalhos artísticos produzidos pelas crianças pela comunidade não existia e eu passei a me questionar qual o sentido de centralizar as obras das crianças naquele espaço delimitado? Observava tantas paredes vazias nos corredores, algumas sendo preenchidas com figuras de desenhos animados impressas ou recortadas com emborrachados coloridos, imaginava o potencial que aquele espaço poderia ter se essas paredes estivessem repletas dos registros dessas infâncias verdadeiras, substituindo as decorações figurativas pelas verdadeiras expressões das crianças, valorizando não somente os trabalhos realizados nas aulas de artes mas, na escola de maneira geral.

Acredito na importância da arte estar presente na formação contínua das professoras na educação infantil, esta experiência no Gabriela Feliz reforçou para mim a importância dessa área de conhecimento para o desenvolvimento das crianças nos primeiros anos de vida. Dentro desta perspectiva destaco as considerações de Sara Mara da Cunha (2018, p.240) ao afirmar que:

Podemos pensar na importância de oferecer, às professoras em formação, a oportunidade de também elas vivenciarem a arte por meio dos seus processos de criação. É preciso retirar a arte do lugar secundário que ela tem ocupado na Educação Infantil e na formação inicial das suas professoras, ao ser tratada prioritariamente como apoio para outras aprendizagens, e passar a tratá-la como área de conhecimento. Conhecimento este que considere as especificidades do seu

próprio campo, suas epistemologias e seus procedimentos relativos às características de cada uma das suas linguagens. Este conhecimento é fundamental para o percurso formativo das crianças nas creches e pré-escolas porque amplia suas capacidades de expressão e de compreensão do mundo.

É significativo para o aprendizado proporcionarmos quando o tempo de aula permitir, um ambiente de contemplação dos trabalhos coletivamente, esses momentos são uma oportunidade das crianças expressarem suas ideias e o que sentiram durante o processo criativo, assim como também é para nós educadoras(es) um momento de análise dos diálogos e dos comportamentos que surgem a partir dessas partilhas.

Figura 17: Atividades com giz de cera



Fonte: Acervo da autora. Recife, 2024.

Figura 18: Criação com o Bicho Folha.



Fonte: Acervo da autora. Recife, 2024.

Figura 19: Pintura com tinta natural



Fonte: Acervo da autora. Recife, 2024.

As crianças procuravam seus próprios desenhos para em seguida observar os dos colegas, eles ficavam empolgados em ter esse momento de olhar coletivamente para os trabalhos realizados nas atividades, era satisfatório ver a atenção com que admiravam seus trabalhos e dos colegas, e quando surgia algum comentário como “o meu ficou feio” ou “fulaninho disse que eu não sei desenhar” era exatamente a chance de conversar sobre as diferenças, o

respeito que devemos ter na maneira de falar sobre os outros e sobre nós mesmos e a valorização da expressão de cada um através da arte.

5. Conclusão

Diante das experiências registradas nesta pesquisa, percebo que ensinar é principalmente um ato de alegria, pois é preciso carregar esta consciência em nossas palavras, gestos, olhares e pensamentos durante o tempo em que nos dispomos a estar com crianças. Pude perceber nessas experiências como a abertura de um sorriso sincero e palavra amorosas, realmente, tem o poder de transformar e de aproximar as relações, e a medida em que me permitia entrar no universo infantil, fui entendendo que ensinar jamais será oposto à aprender, pois nessa troca de saberes acessamos conhecimentos que nem mesmo estão nos livros, somente o convívio das relações nos possibilita entendermos.

Posso dizer que esta pesquisa me aproximou da arte e de um olhar mais sensível com relação às infâncias, percebendo a importância de trabalhar aspectos relativos a humanidade das crianças e de nós educadores, partir de uma abertura para ouvir os diálogos e as ideias das crianças. Podemos incluir suas contribuições na construção do conhecimento, e nessa busca por uma educação mais participativa e sensível, foi possível realizar atividades significativas não somente no âmbito artístico, sensorial e cognitivo, mas também com relação a autoestima das crianças e a melhoria do convívio coletivo com os colegas buscando conciliar os assuntos pedagógicos às necessidades de envolvimento da turma. Plantamos na memória sementes de conscientização e criatividade através das aulas de artes visuais.

Analisando minha experiência no Gabriela feliz e toda trajetória trilhada ao longo dos anos na graduação, reflito sobre a importância do professor(a) de artes também ampliar seus conhecimentos buscando se inspirar, conhecer novas perspectivas na arte, que alimentem sua criatividade e desejo de trabalhar de forma prazerosa, investigadora, reflexiva e lúdica.

Pois, nos momentos em que nos permitirmos, no dia a dia, ler, criar, descobrir e sentir novas possibilidades, esses estímulos funcionarão como motores fortalecendo o nosso envolvimento e propósito de ensinar. Percebo que é necessário o envolvimento do profissional para que as crianças também se sintam motivadas a pertencer e cuidar daquele espaço-tempo dedicado à arte.

Essas experiências que trazemos na educação infantil vão definir nossas impressões sobre o que é arte e de que forma ela está presente em nossas vidas.

“Quando nasce uma criança
desce do céu uma estrela,
Jesus foi a estrela mais brilhante
Que desceu à Terra”

Mestre Amado, Priscilla Ribeiro 2023 (p.4).

Trecho do meu primeiro livro⁵ de ilustração infantil, aguardando publicação.

⁵ “Mestre Amado” é o do primeiro livro de ilustração escrito e ilustrado pela autora da pesquisa, em fase de desenvolvimento para ser publicado.

6.Referências

BARBOSA, Adriza Santos Silva; SANTOS, João Diógenes Ferreira dos. Infância ou infâncias? Revista Linhas. Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 245-263, set./dez. 2017.

CHARRÉU, Leonardo Verde; (2012). Arte visual contemporânea, ilustração e literatura para a infância: fazendo conexões entre mundos criativos. *Revista Digital Do LAV*, (9), 012-032. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/6295>

CUNHA, Sandra Mara da. Crianças fazendo arte: processos de criação artística e formação profissional docente para educação infantil. 2018. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/5923/3945>

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: o desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1993.

LIMA, Marcia Machado de. Literatura na escola de Educação Infantil: critérios de escolha das obras. *EDUCA -Revista Multidisciplinar em Educação*, Porto Velho, v. 5, n. 12, p.99-113, set/dez,2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/index>>

LORENZET, Fabiana Lazzari; RAMOS, Flávia Brocchetto; SOUZA, Renata Junqueira. Narrativa Visual: mediação de leitura na educação infantil. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13624/15532#info>

MACHADO, Regina. *Acordais*: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MOYLES. Janet R. Só brincar? O papel do brincar na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, Josilene de Resende; MIGUEL, Joelson Rodrigues. O lúdico na Educação Infantil .Id on Line Rev.Mult. Psic., 2019, vol.13,n.46, p.714-728. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1931>

SANTOS, Rita de Cássia Alves Lopes dos. Reflexões sobre a arte de contar histórias. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 5, 4 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/5/reflexoes-sobre-a-arte-de-contar-historias>



Gabriela Feliz
Centro de Educação Comunitária

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, **ABINAE L JORGE DOS SANTOS**, portador do RG **10.100.100** SDS/PE, CPF nº **000.000.000-00**,
Gestor da Instituição abaixo discriminada,

AUTORIZO o uso da imagem dos assistidos e qualquer material entre fotos e documentos produzidos no Centro de Educação Comunitária Gabriela Feliz, para ser utilizado na pesquisa de conclusão de curso da pesquisadora Priscilla Vitória Von Sohsten Ribeiro. A presente autorização é concedida de forma gratuita, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: livros, catálogos, revista, jornal, entrevistas, propagandas para televisão aberta e/ou fechada, vídeos, filmes e documentários, desde que sejam para fins educativos. Ficando vedada o uso da imagem para propaganda e publicidade.

Assino a presente autorização, com vistos da pesquisadora em 02 vias de igual teor e forma.


ABINAE L JORGE DOS SANTOS


Visto da Pesquisadora Priscilla Vitória Von Sohsten Ribeiro

Recife, dia 02 de Setembro de 2024.

Universidade Federal de Pernambuco - Campus de Recife. CEP 50670-420.